



**DIPLOMACIA/** Cerca de 100 governos participam de cúpula promovida pelo presidente dos EUA, Joe Biden, para alertar o planeta contra o autoritarismo. Anfitrião falou em “ponto de inflexão”. China e Rússia não foram convidadas

## União pela democracia

» RODRIGO CRAVEIRO

Steven Levitsky e Daniel Ziblatt, cientistas políticos da Universidade de Harvard, escreveram no best-seller *How do democracies die* (“Como as democracias morrem”) que a preservação do Estado de Direito está em algumas grades de proteção, como um Judiciário independente e uma imprensa livre. Quando políticos e apoiadores tentam remover essas barreiras, as democracias correm o risco de serem substituídas por regimes autoritários. Ciente de que a humanidade vive um “ponto de inflexão”, o presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, organizou ontem a primeira Cúpula sobre Democracia.

O evento, por meio de videoconferência, reuniu cerca de 100 governos, incluindo o Brasil: o presidente Jair Bolsonaro gravou um vídeo, que deverá ser divulgado hoje pela Casa Branca. Rússia, China e oito países latino-americanos — Nicarágua, Cuba, El Salvador, Bolívia, Honduras, Guatemala, Haiti e Venezuela — não foram convidados.

Biden inaugurou a cúpula às 8h12 (10h12 em Brasília). “Em face dos desafios constantes e alarmantes à democracia e aos direitos humanos — e em todo o mundo —, a democracia necessita de defensores”, advertiu o presidente norte-americano. “A democracia não ocorre por acidente, ela precisa ser renovada a cada geração. (...) Os dados de que dispomos apontam em grande parte na direção errada”, acrescentou. “Permitiremos que o retrocesso dos direitos e da democracia continue de forma desenfreada? Ou iremos juntos (...) ter uma visão (...) e a coragem para liderarmos, uma vez mais, a marcha do progresso e da liberdade humana?”, questionou o anfitrião.

A cúpula ocorre 337 dias depois que simpatizantes do então presidente Donald Trump invadiram o Capitólio, sede do Congresso dos EUA, para tentar impedir a confirmação do

Nicholas Kamm/AFP



Biden conversa com líderes sobre ameaças ao Estado de Direito: “desafios alarmantes e contínuos” em todo o planeta

nome de Biden como sucessor. Durante a ação antidemocrática, cinco pessoas morreram. “A democracia americana é uma luta contínua para vivermos de acordo com os nossos ideais mais elevados e para curar nossas divisões”, declarou Biden em seu pronunciamento de boas vindas aos participantes.

Por sua vez, Uzra Zeya — subsecretária de Estado para Segurança Civil, Democracia e Direitos Humanos — disse que “países em praticamente todas as regiões do mundo experimentarão graus de retrocesso democrático”.

O boicote ao evento incomodou Moscou e Pequim. “Nenhum país tem o direito de julgar o vasto e variado panorama político do mundo com um

único critério”, escreveram Anatoly Antonov e Qin Gang, os embaixadores da Rússia e da China em Washington. A insatisfação de Pequim tem um motivo a mais: além da própria ausência, os chineses não gostaram do convite a Taiwan, ilha capitalista e democrática considerada pela China como parte inalienável de seu território.

### Eficiência

Para James Goldgeier, especialista do The Brookings Institution e professor de relações internacionais da Universidade Americana (em Washington), a eficiência da cúpula promovida por Biden dependerá muito da natureza dos compromissos

firmados pelos países participantes e dos mecanismos que a reunião lançará mão para responsabilizar as nações por suas promessas. “O presidente Biden vê uma competição central no mundo entre democracias e autocracias. Ele espera gerar maior colaboração entre as democracias para administrar os inúmeros desafios colocados pela China e pela Rússia”, afirmou ao **Correio**.

Goldgeier sublinha que os Estados Unidos são a democracia mais importante do planeta. “Historicamente, os EUA são um líder global. No entanto, a democracia está corretamente sob ataque. Em vários estados, os republicanos tornam mais difícil para as pessoas votarem. Acima de tudo, o governo Biden

### » “Preparativos” contra o Irã

O presidente americano, Joe Biden, pediu à sua equipe para estar preparada para um fracasso das gestões diplomáticas sobre o programa nuclear iraniano, disse a porta-voz da Casa Branca, Jen Psaki. “Diante dos contínuos avanços no programa nuclear do Irã, o presidente pediu para sua equipe estar preparada caso a democracia falhe. Isto requer preparativos”, afirmou, em alusão a “sanções adicionais” contra Teerã. “Propusemos um caminho diplomático, este caminho permanece aberto”, acrescentou a porta-voz, embora tenha advertido de todo modo que “estamos nos preparando para seguir por um caminho completamente diferente”, se for necessário. O Irã intensificou programa nuclear nos últimos meses, restringindo o acesso dos inspetores da Agência Internacional de Energia Atômica.

precisa usar essa cúpula para encontrar meios de salvar a democracia nos EUA”, advertiu.

Os critérios de participação da cúpula causaram polêmica. Paquistão e Filipinas estão dentro, enquanto o governo nacionalista da Hungria, membro da União Europeia, ficou de fora. Bolsonaro foi convidado, enquanto o presidente da Turquia — país-membro da Organização do Tratado do Atlântico Noreste (Otan) —, Recep Tayyip Erdogan, ficou de fora.

Ontem, Daniel Ziblatt — coautor de *How do democracies die* — fez questão de comentar a iniciativa de Biden. “Defender e fazer avançar a democracia em casa é necessário para defendê-la em qualquer lugar”, escreveu no Twitter.

Mikhail Metzler/AFP



Vladimir Putin em reunião do Conselho Presidencial para os Direitos Humanos

## Putin cita “genocídio” na Ucrânia

As declarações de Vladimir Putin deixaram a comunidade internacional em alerta ante as suspeitas de uma ofensiva de Moscou contra a Ucrânia. Em reunião com o Conselho Presidencial para os Direitos Humanos, o líder russo afirmou que os moradores da região de Donbass, no leste do território ucraniano, sofrem uma discriminação que é o “primeiro passo para um genocídio”. “Tenho que falar da russofobia como primeiro passo para o genocídio. Isso é o que ocorre em Donbass; podemos vê-lo, sabemos disso. E isto certamente se parece com o genocídio do qual o senhor falou”, disse Putin ao jornalista Kirill Vychinsky, que esteve detido na Ucrânia entre 2018 e 2019.

O presidente fez uma referência ao fato de Vychinsky ter denunciado que

“os falantes de russo e membros do povo russo” em Donbass “sofriam condições de vida insuportáveis”. O jornalista chegou a comparar a situação com o Holocausto nazista. Nos últimos dias, o Kremlin colocou de prontidão mais de 175 mil soldados na fronteira com a Ucrânia. Os EUA advertiram Putin sobre uma “resposta forte”, caso as forças russas ataquem o país vizinho.

Professor de política comparativa da Universidade Nacional de Kiev-Mohyla (Ucrânia), Olexiy Haran afirmou ao **Correio** que as declarações do presidente russo são uma “loucura”. “A maior parte de Donbass está sob controle dos ucranianos. Putin acusou o meu povo de ser neonazista. Todos sabemos que a Ucrânia é uma democracia e goza de liberdade de expressão, ao

contrário do governo Putin, uma ditadura. É muito interessante que um cara da KGB (serviço secreto da antiga União Soviética) nos acuse de antidemocráticos”, ironizou. “Putin ocupou a Crimeia, mas diz que não há tropas russas na Ucrânia.”

Haran acrescenta que não é do interesse de Kiev começar um conflito em Donbass, por saber ser incapaz de fazer frente ao poderio armamentista de Moscou. Para o professor, a mensagem enviada por Biden sobre a aplicação de fortes sanções financeiras contra a Rússia foi contundente o bastante para prevenir um ataque russo. “O problema é que Putin pode usar isso para provocações no terreno ou para transmitir a ideia de que ele ‘se importa com o povo de Donbass’ — termo maluco usado por ele.” (RC)

### ALEMANHA

## Olaf Scholz começa a pleno vapor

No primeiro dia de governo, o social-democrata Olaf Scholz deixou claro qual será a prioridade inicial no comando da Alemanha. O nono chanceler da era pós-Segunda Guerra Mundial liderou uma reunião de crise com as 16 regiões do país para debater a pandemia da covid-19, enquanto ele próprio e dois de seus ministros principais anunciaram viagens oficiais. Ontem, o país registrou mais de 700 novos casos da doença e 465 mortes, com média diária de 422,3 ao longo da última semana. Provavelmente, uma das medidas divulgadas terá relação com a vacinação das crianças. O tema da imunização obrigatória deverá ser levado a votação no Bundestag (Parlamento).

Rüdiger Schmitt-Beck, cientista político da Universidade de Mannheim (centro-oeste da Alemanha), lembrou que, antes mesmo de Scholz tomar posse, mais medidas restritivas entraram em vigor na semana passada para conter a covid-19. “Mais cedo ou mais

tarde, ações ainda mais drásticas talvez sejam necessárias para reduzir o número de infecções. Claramente foi um erro esperar tanto tempo até que elas fossem implementadas. Ainda não estou certo se farão diferença as novas medidas organizacionais, como nomear um general do Exército como organizador da logística associada à pandemia. Isso cheira a um simbolismo político apenas”, afirmou ao **Correio**.

O estudioso, no entanto, considera “muito importante” que Scholz tenha apontado um epidemiologista renomado (Karl Lauterbach) como ministro da Saúde. “Ele parece entender muito melhor como a pandemia funciona do que o seu antecessor, Jens Spahn, da União Democrata Cristã (CDU).”

De acordo com Schmitt-Beck, a crise sanitária provocada pela covid-19 demandará atenção diária de Scholz. No entanto, ele acredita que outro desafio imediato para o chanceler é a possível ameaça da Rússia à fronteira

da Ucrânia, a qual tem potencial de se transformar numa crise internacional, inclusive com violência militar. “A nova ministra das Relações Exteriores, Annalena Baerbock (Verdes), prometeu assumir uma postura mais incisiva em relação a Moscou. Posso imaginar o presidente Vladimir Putin buscando testar o quão longe ela pretende ir, ao escalar a situação. A política financeira também é um desafio, devido à inflação crescente, impulsionada principalmente pelos preços da energia.”

Cientista político da Universidade de Luís Maximiliano de Munique, Günther Auth explicou ao **Correio** que a coalizão de Scholz — formada pelo Partido Social Democrata (SPD), pelos Verdes e pelo Partido Democrático Liberal (FDP) — tenta se apresentar como um governo mais determinado e capaz de atuar durante a pandemia. “Haverá vacinação compulsória, em primeiro lugar para profissionais da saúde, depois para a população em geral.”

Ina Fassbender/AFP



O chanceler preferiu sentar-se em seu lugar de deputado, no Bundestag

### Viagens

Ontem, Baerbock embarcou para visitas oficiais a Paris e a Bruxelas. Por sua vez, Nancy Faeser — a primeira mulher a ocupar o Ministério

do Interior alemão — participou de uma reunião com colegas em Bruxelas. Hoje, o próprio Olaf Scholz cumprirá com uma tradição dos chanceleres alemães, ao reservar à França sua primeira visita oficial. (RC)